Tempo Sentido, Tempo Dito: a Noção de Tempo nas Culturas Sertaneja e Midiática[1]

Poliana QUEIROZ [2]
Wellington PEREIRA[3]
Universidade Federal da Paraíba, PB

RESUMO

A noção de tempo, indiscutivelmente, organiza o modo de viver em sociedade. Tendo por base a contribuição de autores como. M. Maffesoli, N. Elias, H. Bergson, P. Charaudeau e M. Sodré, o presente trabalho, parte da relação que o tempo estabelece entre o cotidiano, a cultura da região Nordeste e a cultura midiática, refletindo sobre a imprecisão da ideia de tempo e a instauração do sentido que o termo ocupa nessas instâncias sociais. Ou seja, os modos de apropriação do real e de marcação dos fluxos temporais que afetam e definem o modo de vida, as relações, conteúdos e experiências sociais da contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo, Cotidiano, Mídia.

INTRODUÇÃO

A noção de *tempo* orienta as atividades diárias e determina, cada vez mais, a existência de uma temporalidade diferenciada no cotidiano da sociedade, alterando o modo de viver e compreender o espaço. É neste território da realidade social, da vida cotidiana, que a existência se dá, em toda a sua complexidade.

Para entendermos como as múltiplas possibilidades do fazer diário passam a ser regidas pelo crivo do tempo recorremos a compreensão da noção de cotidiano, enquanto sinônimo de presente, à luz do pensamento de Michel Maffesoli. O autor nos leva a enxergar o cotidiano longe das definições genéricas, que o esbarram no senso comum e o descrevem como rotina, repetição, ou banalidade, vislumbrando-o em todas as suas formas de representações.

Neste sentindo, objetivamos com este artigo refletir sobre o tempo e a relação que este estabelece com o cotidiano, a cultura e o modo de orientação dos habitantes das

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Integrante do Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo – Grupecj. Pesquisa a construção do cotidiano dos habitantes do Semiárido nas revistas Veja e Nordeste. E-mail: polianaq@gmail.com

[3] Professor Dr. do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba e Coordenador do Grupo de Pesquisa em Cotidiano e Jornalismo (GRUPECJ/UFPB).

cidades rurais e rurbanas da região do Nordeste brasileiro e a cultura midiática, que participa da mediação e da produção de sentidos dos aconteceres atuais.

Em busca de um conceito para o tempo

Ao longo da história e com o desenvolvimento das sociedades, a expressão *tempo* adquiriu diferentes significações, se alterando conforme a necessidade de orientação da vida cotidiana. Inicialmente, alguns grupos sequer tinham conhecimento a respeito do tempo. Na Antiguidade, ele era caracterizado pelos "ciclos" cosmológicos e fenômenos naturais. Atualmente é concebido da forma mais sistematizada possível - o tempo metrificado dos relógios e calendários, o tempo transformado em mercadoria, podendo ser comprado ou vendido.

O fato é que, em qualquer uma dessas épocas, sempre estivemos cercados pela ideia de *tempo* e de suas aplicações[4]. Seja para saber, por exemplo, a que horas devemos realizar determinada atividade ou quando ocorreu tal acontecimento, estando na maioria das vezes relacionado a fenômenos da natureza, à duração dos acontecimentos e à linguagem.

Mas afinal o que é o *tempo*[5]? Comumente ao fazemos essa pergunta carregamos o aparente mistério que ela possui. As dificuldades de definição se estabelecem em virtude das explicações estarem ainda voltadas para o campo da especulação e esbarrarem no problema da circularidade, ou seja, buscar uma definição por meio de referências ao próprio termo.

A célebre frase de Santo Agostinho retirada do livro XI das Confissões nos permite enxergar a dimensão do termo: "Se ninguém me pergunta sobre o que é o tempo, eu sei. Se me fazem a pergunta, já não sei[6]". Esta é uma das diversas sentenças que adquire estatuto de máxima, não somente por sua função retórica e poder de síntese, mas por sua pertinência

[4] O significado da palavra, de acordo com o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, depende da aplicabilidade do termo, podendo ser utilizado como: Medida de duração dos fenômenos; Duração limitada: empregar bem o tempo; Momento fixado: chegar a seu tempo; Época, relativamente a certas circunstâncias, ao estado das coisas, aos costumes, às opiniões: no meu tempo, era diferente; Prazo: dê-me tempo para pagar-lhe; Tempo disponível: não tenho tempo; Estação: o tempo da vindima; Estado da atmosfera: tempo úmido; Música, divisão do compasso: compasso de dois, de quatro tempos; Gramática. Modificação da forma do verbo, para exprimir relação de tempo (passado, presente, futuro) com o momento em que se fala ou com o momento indicado pelo verbo principal; Astronomia; Tempo civil, tempo médio adiantado de 12 horas: o tempo civil conta-se de zero a 24 horas a partir da meia-noite, com mudança de data à meia-noite.

[5] As abordagens aqui apresentadas se ocupam primeiramente, em retratar o que seria o tempo em si, e não dos desdobramentos adquiridos pela palavra.

[6] (Santo Agostinho *apud* Sodré, 2009. P. 81).

e alcance instantâneo no mundo real e em virtude do que nos é dado a comprovar pela reflexão empírica e teórica.

Ao levar a discursão para o campo da sociologia, Norbert Elias trata, em sua obra, do caráter coercitivo acerca do *tempo*. Admite que conceitos como o de tempo, que provocam um nível alto de fusão, situam-se além do horizonte, do saber e da experiência, e longe do âmbito dos físicos e dos metafísicos. Segundo ele "o tempo não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear nem respirar como um odor". Há uma pergunta que continua à espera de resposta: como medir uma coisa que não se pode perceber pelos sentidos? Uma 'hora' é algo de invisível" (ELIAS, 1998, p. 7).

Na compreensão do sociólogo, a relação do tempo metrificado nos ponteiros do relógio ajuda a entender o temo, pois:

> A disposição dos ponteiros tem por função indicar aos seres humanos a posição que eles e outros ocupam atualmente no vasto fluxo do devir, ou então, de quanto tempo precisaram para ir de um lugar a outro. Os símbolos artificiais inscritos em ponteiros de configurações mutáveis, assim como nas datas sempre novas indicadas pelos calendários, são o tempo. São treze horas e dez minutos agora. O tempo é isso. É necessária aqui uma certa prudência no uso que fazemos da linguagem. Podemos legitimamente afirmar que o relógio indica o tempo, mas ele o faz através de uma produção contínua de símbolos que só têm significado num mundo em cinco dimensões, num mundo habitado por homens, isso é, por seres que aprenderam associar às figuras perceptíveis imagens mnêmicas específicas, e, portanto, um sentido bem determinado (ELIAS, 1998, p. 16).

Elias (1998) desenvolve uma teoria sociológica, cujo objeto do saber não é mais o indivíduo isolado, mas a evolução da humanidade e busca entender as condições de desenvolvimento dos símbolos sociais que operam como instrumentos de orientação. Assim, o tempo é considerado, acima de tudo, como uma coisa humana, social, que pode ser uma linha progressiva em um grupo e um círculo desconexo em outro no qual cada sociedade, segundo suas próprias condições, cria e o compreende à sua maneira.

Ampliando a compreensão recorremos a interpretação de Muniz Sodré (2009, p.81) que entende o *tempo* como a "passagem de um antes para um depois, dentro de um todo experimentado como continuidade ou duração". Para ele essa questão é uma construção

gradativa na história mundial e surge a partir do momento em que se começa a pensar na duração como algo independente dos ciclos ou processos envolvidos[7].

A duração – palavra de ordem para o filósofo Henri Bergson - se estabelece, portanto como determinante para a definição de *tempo*. Para Bergson o tempo é designado como a fluidez de nossa vida interior, a continuação no que se segue, a transição ininterrupta, a multiplicidade sem divisibilidade e a sucessão sem separação. Logo, é uma parte da experiência, já que a experiência integral pressupõe a duração, a coexistência na duração, no qual a única experiência possível, para ele, é a da duração (BERGSON *apud* SODRÉ, 2009).

E o tempo, muitas vezes só é percebido, porque há o ritmo - uma ruptura de continuidades. O ritmo é a forma particular assumida pelo fluxo temporal e se faz presente tanto nas sociedades antigas quanto nas modernas. O termo tem origem grega, *rhytmos* e deriva de *rheim* que significa fluir, escorrer. Ele se faz presente na:

> [...] alternância do dia e da noite, na interrupção da atividade produtiva para o descanso, o feriado religioso, a festa, etc., inclusive no interior da narrativa marcando o tempo em intervalos regulares, ou fora dela, espacejando os ritos. Ordenando o movimento e instaurando uma temporalidade diversa da cronológica, essa forma móbil cria um espaço próprio, suscita um imaginário específico e pode mesmo configurar-se como uma tecnologia de agregação humana (SODRÉ, 2009, p. 86).

Como nos explica Sodré (2009, p. 87) a noção de ritmo guarda estreita relação com o estilo de cada sociedade, de maneira que, "a simetria temporal, induzida pela racionalidade cronológica do mundo, instaura a univocidade capitalista do tempo, com ritmos regulados em função do modo de produção e de organização vigente".

Tempo e ritmo na cultura rural e rurbana do Nordeste

Para melhor exemplificar o processo de ordenação do tempo e do ritmo na determinação do cotidiano, vale trazer para a reflexão o texto do poeta paraibano Jessier

[7] A questão do tempo, conforme Sodré (2009), é uma preocupação em especial do Ocidente que, após o Renascimento, tratou com distinção, a medição do fluxo dos processos, uma vez que na Antiguidade não existia tempo, e sim duração dos ciclos naturais, que incluíam estações do ano, idade das coisas, etapas da vida humana entre outros.

Quirino, *O "dizido" das horas no Sertão.* O poema descreve como o fluxo temporal orienta o dia do habitante das cidades rurais e/ou rurbanas[8] do interior do Nordeste brasileiro.

> Para o sertanejo antigo, o ponterá do relojo, de hora em hora a passá, da escurescença da noite à sol-nascença do dia, é dizido ao jeito deles no mais puro boquejá. Se diz inté que os bicho – o galo, o nambu, o jumento – sabe as hora anunciá. Uma hora da manhã, 'primero canto do galo'. Quano chega duas hora, 'segundo galo a cantá'. Às treis se diz 'madrugada', às quatro, 'madrugadinha', ou 'o galo a miudá'. Às cinco é o 'piá dos pinto', ou mesmo o 'quebrá da barra'. Quano é chegada as seis hora se diz 'o sol já de fora', cor de crush foi-se embora e tome o dia a calorá.
> Sete hora da manhã é uma 'braça de sol'. O 'sol alto' é oito em ponto, o fejão tá quaje pronto e já borbulha o manguzá. Seno verão ou se chove, pontero bateu as nove, é hora de almoçá. Às deiz é 'almoço-tarde' pra quem vem do labutá; se o burro dá onze hora diz 'quaje meio-dia em ponto'. Às doze é 'sol a pino', ou o 'pino do meio-dia', o suó desce de pia, sertão quente de torá.
> Daí pra frente o dizido, ao invés de treze hora, se diz o 'pendê do sol'. 'Viração da tarde' é duas, quando é treis é 'tarde-cedo', às quatro é 'de tardezinha', hora branda sem calô; o sol perde a cô de zinco quano vai chegano as cinco, 'roda do sol a se pô'. Às seis é o 'po-do-sol' ou 'hora da ave-maria', dezenove ou sete hora se diz que é 'pelos cafuz'. Às oito, 'boca da noite', lá pras nove é 'noite-tarde', às deiz é 'hora-velha' ou a 'hora da amizade'. É quano se ouve bem alto os escuro do lugá! É uma hora perigosa, fantasmenta e assustosa, pro cabra se estupefá! Às onze é o 'frião da noite', é sertão véio a gelá, meia noite é 'meia noite' e acabô-se o versejá. Mais um dia foi-se embora, e assim é o dizido das hora nesse véio linguajá.[9]

O cotidiano e o modo de organização dos habitantes das cidades rurais e rurbanas do Nordeste brasileiro como apresentado no texto remete ao cotidiano revelado, pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, como realidade, como forma abrangente e determinante no arranjo da vida social, como espaço de produção e reprodução dos fatos sociais. O cotidiano

[8] O neologismo – rurbano ou rurbanização – foi empregado por Gilberto Freyre (1982), para definir uma comunidade que habita um perímetro conceitualmente definido como urbano, mas que na realidade continua mantendo suas características rurais. São cidades com menos de 10 mil habitantes conforme o grau de densidade de ocupação humana nesse perímetro, urbano ou não urbano. Assim como afirma o autor, o conceito de rurbanização é: "Um processo de desenvolvimento socioeconômico que combina, como formas e conteúdos de uma só vivência regional – a do Nordeste, por exemplo, ou nacional –a do Brasil como um todo – valores e estilos de vida rurais e valores e estilos de vida urbanos. Daí o neologismo: rurbanos. [...] Numerosas populações poderiam viver com vida mista: juntando a urbanismos, ruralismos como que desidratados sem deixarem de corresponder ao apego que parece haver na maioria dos seres humanos a contatos com a natureza e com a terra. Com a água de rios, com árvores, plantas e até matas" (FREYRE *apud* TRIGUEIRO, 2011, p. 3).

[9] As palavras estão grafadas conforme a escrita do poeta, fazendo referência ao modo como os habitantes as pronunciam, característico da narrativa oral. Texto disponível em www.jessierquirino.com.br. Acessado em 23 de mai de 2012.

é mostrado pelo autor como uma experiência não conceitual, como um "estilo"[10] como modo particular da vida cotidiana, que privilegia o presente - modo mais eficaz para entendermos o que está em curso em nossos dias. De acordo com Pais (2001, p. 208):

> O quotidiano – costuma-se dizer – é o que se passa todos os dias: no quotidiano nada se passa que fuja à ordem da rotina e da monotonia. Então o quotidiano seria o que no dia a dia se passa quando nada se parece passar. Mas só interrogando as modalidades através das quais se passa o quotidiano – nos damos conta que é nos aspectos frívolos e anódinos da vida social, no "nada de novo" do quotidiano, que encontramos condições e possibilidades de resistência que alimentam a sua própria rotina.

O estilo do cotidiano, na visão de Maffesoli (1995, p.30), é atravessado pelo aleatório, é o lugar das junções e injunções cotidianas e espaço que reúne o estético, o comunicacional e o presente com o objetivo de entender e desvendar a sociedade de uma determina época. "O estilo pode ser compreendido como o ´princípio de unidade`, o que une, em profundidade, a diversidade das coisas".

Podemos perceber que a temporalidade do cotidiano assim como a do texto é antropológica, com destaque para as percepções estéticas, numa intuição do instante. O tempo referenciado valoriza uma representação do imaginário calcado na simbologia com a produção contínua de símbolos culturais. A ênfase nos acontecimentos hodiernos, na rotina diária, na valorização do presente imerso na imediatez são alguns dos pequenos fatos da vida cotidiana que constituem a trama social apresentados no poema.

O *tempo* exposto no texto ultrapassa o tempo físico e metrificado de instrumentos como o calendário e o relógio, que são de ordem aritmética. Predomina o tempo do cotidiano – de forma holística, da palavra, do relato - amplo de significações, das sensações vivenciadas e sentidas, no qual o seu entendimento depende do imaginário do cidadão e a inserção nessa cultura.

O conjunto de signos descrito amplia, por meio das formas estéticas, o cotidiano no dizer e sentir das horas. Isso não se dá de uma forma linear, uma vez que o linear é excludente, mas pela constituição de uma temporalidade própria, uma temporalidade sentida e vivida por este sertanejo.

[10] Para Maffesoli (1995, p.64) "o cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos utilizar na área intelectual. É um estilo no sentido de [...] algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto [...]. O estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma "encarnação" ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura".

O passar das horas não se estabelece por meio de uma forma metrificada, numérica, apesar de existir essa contagem temporal ela se constrói por meio da sensação, do sentido adjetivado, da impressão estética. “Ao invés de treze hora, se diz o ‘pendê do sol’. ‘Viração da tarde’ é duas, quando é treis é ‘tarde-cedo’, às quatro é ‘de tardezinha’, hora branda sem calô; o sol perde a cô de zinco quano vai chegano as cinco, ‘roda do sol a se pô’”(JESSIER QUIRINO).

Tempo na cultura midiática

Diferente do tempo das significações do poema apresentado, a caracterização do tempo na mídia se dá a partir dos significantes, da atualização do factual. Na construção do discurso midiático o *tempo* ganha espaço, sobretudo a partir de um regime de “presentismo”, que é a repercussão afetiva do passado em nosso “aqui agora”, no qual estaria implícita certa correspondência entre tempo presente e atualidade.

O tempo e o ritmo guardam estreita relação com o estilo cultural de cada sociedade, no sentido de, “a simetria temporal, induzida pela racionalidade cronológica do mundo, instaura a univocidade capitalista do tempo, com ritmos regulados em função do modo de produção e de organização vigente” (SODRÉ, 2009, p.87).

No que diz respeito à estruturação do tempo social, o autor assevera que o discurso midiático provoca um efeito de ordenamento e contribui, com sua forma específica de temporalização, para a construção de uma imagem de unidade de funcionamento do cotidiano.

> O *acontecimento*, que movimenta a vida pública na sociedade moderna, *é, assim o aspecto temporal do fato social*. Inscrito na atualidade por meio de um artifício narrativo que temporaliza à maneira de um gerúndio (o tempo do “está sendo”), ele se “presentifica, ou seja, o passado e o futuro são sentidos como um aqui e agora. Por isto, a notícia de jornal – no limite, uma reinterpretação histórica do ritmo interno da narrativa antiga – inscreve desde sempre uma diretiva de construção do *tempo social* pela pontuação no ritmo dos acontecimentos, que é de fato o caminho para a fixação temporal da atualidade num presente (SODRÉ, 2009, p. 87).

Conform Sodré (2009, p.90) o acontecimento midiático atua na singularização dos fatos sociais e explica que é possível distinguir dois níveis rítmicos a partir das práticas de produção das notícias: “num primeiro nível, o que ritimiza o cotidiano são as rotinas, inscritas individual e coletivamente na vida social; num segundo nível, os acontecimentos,

que pontuam – em diferentes escalas de intensidade – essas rotinas". Desta maneira, a notícia comunica "algo a ser *notado* ou *sinalizado* como marca factual de um instante particular". Logo, "nesta comunicação, o tempo é uma instância pressuposta, o verdadeiro vetor da enunciação, que organiza a semiose manifesta" (p. 91).

O acontecimento não significa em si, só significa enquanto tal em um discurso. O acontecimento já significado nasce a partir de um processo que se constrói ao termino de uma mimese tripla. Patrick Charaudeau (2010) recorre ao teórico francês Paul Ricoeur para explicar esse processo. A mimese I remete a um mundo pré figurado, a mimese II seria o mundo configurado e a mimese III o mundo re-figurado. É, portanto na mimese II, no mundo configurado, que se estabelece a tessitura do fato, no qual narrativa e tempo se encontram. No entanto, a narrativa não está somente na mimese II e sim em todo o processo, do antes e também do depois. Essas três mimeses devem ser pensadas juntas. E assim constitui o que o senso comum chama de notícia.

A instância midiática atribui, assim, valor métrico aos acontecimentos, ou seja, diante da infinidade de acontecimentos que se produzem no mundo apenas alguns são tratados nas e pelas mídias. Ao tornar pública alguma coisa, consequentemente, outras serão excluídas. Essa escolha, do que ganhará espaço nos veículos de comunicação, se faz, segundo Charaudeau (2010) em função de dados mais ou menos objetivos na relação com o tempo, o espaço e a hierarquia. A partir dessa tríade o acontecimento é convertido em notícia.

Ao se deparar com os recortes da vida cotidiana apresentados pelo discurso jornalístico, o homem passa a ter contato com uma parcela fragmentada desses acontecimentos, fato que o distancia da amplitude do cotidiano em que se encontra inserido. O tempo midiático é segmentado, produzido e distribuído de acordo com os modelos econômicos e sociais.

Para tanto, as mídias devem tentar, ao máximo, aproximar os dois momentos opostos da cadeia temporal: o instante do surgimento do acontecimento, logo o instante de produção midiática, do instante de saída do produto midiático, o instante de consumo da notícia. Charaudeau (2010) acredita que é a atualidade que determina a proximidade entre essas instâncias.

> O que define a atualidade das mídias é, simultaneamente, o espaço-tempo do surgimento do acontecimento, o qual deve poder ser percebido como contemporâneo por todo e qualquer indivíduo social (inclusive o

> jornalista), e o espaço-tempo da própria transmissão do acontecimento entre as duas instâncias da informação (CHARAUDEAU, 2006, p.107).

É a atualidade que guia as escolhas temáticas, atribuindo ao fazer jornalístico um modo particular de recortar e retratar a realidade, sempre a procura por um fato novo e pela informação mais recente, ou ampliando e reconstruindo uma notícia já divulgada – mediante um aspecto novo, acrescido ao acontecimento. Um fato atual sempre substitui um fato mais antigo. Tem-se uma espécie de desfile de notícias, umas eliminando as outras, que ficam rapidamente relegadas ao escanteio, retornando a cena somente quando o insólito exige (CHARAUDEAU, 2010).

O acontecimento destinado a se tornar notícia, regido por uma espécie de contrato, deve produzir-se numa temporalidade mais próxima possível da instância da recepção. Charaudeau (2010) acredita que deve-se falar em co-temporalidade no lugar de contemporaneidade da atualidade midiática. Essa co-temporalidade é tratada diferentemente segundo o suporte midiático que a põe em cena, ou seja, cada suporte de difusão o faz a sua maneira.

No jornalismo impresso, em especial, o tempo entre a produção noticiosa e a leitura nunca coincide. Uma vez que não há possibilidades de difusão direta como no rádio, na televisão, ou na internet, a questão da temporalidade passa a ser um desafio para os construtores da informação impressa. Estes, diante da acelerada busca pela novidade - no qual o rápido ganha sinônimo de imediato e a informação ocupa cada vez mais espaço no cotidiano da sociedade - tentam acompanhar as mais recentes inovações tecnológicas, caracterizadas pela velocidade de veiculação dos acontecimentos.

Considerações finais

Apesar de existirem diversos estudos e tentativas de conceituação, ainda não se instituiu uma definição exata, precisa para o *tempo*, principalmente nos dias atuais pela veemente pressão exercida sob os indivíduos, numa época dominada pela velocidade, informação e ritmo das mudanças. Diante das impossiblidades de definições, sentidos e orientações, compreendemos o porquê da ausência de uma teoria consensual para o *tempo*.

O levantamento teórico exposto nos ajudou a refletir a respeito do assunto. Tanto com a noção de cotidiano enquanto estilo e espaço de reunião de opostos e idênticos

apontada por Michel Maffesoli, como a visão levantada por Nobert Elias de que cada sociedade cria e compreende o tempo a sua maneira.

Para melhor visualizar a constituição da ideia de *tempo* no cotidiano das sociedades trouxemos para o debate duas instâncias sociais que entendem o tempo de forma distinta. Num primeiro momento recorremos ao poema *O "dizido" das horas no Sertão* do poeta paraibano Jessier Quirino para exemplificar a maneira com o qual se entende o termo nas cidades rurais e rurbanas da região do Nordeste do país.

A descrição do cotidiano a partir do texto literário se aproxima da ideia que o cotidiano não é um conceito fechado e sim estilo, uma projeção real de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir pelas quais se define uma cultura de Michel Maffesoli. Ele observa o estilo do cotidiano através de uma abordagem sociológica que reúne o estético, o comunicacional e o presente a fim de entender a sociedade de uma determinada época.

Tanto o cotidiano quanto o poema tratam o tempo a partir de uma visão antropológica, com valorização no imaginário, na simbologia e na produção simbólica, no significado independente de uma temporalidade materializada. A determinação do que seria o tempo se dá a partir das sensações vivenciadas e sentidas.

Em seguida, pudemos verificar como autores a exemplo de Muniz Sodré e Patrick Charaudeau colocam esse tempo na mídia. Observamos que este tempo da instância midiática é um tempo, das referências, traduzidas na construção do acontecimento. A temporalidade midiática depende do *medium*, que no geral é físico e material. Ela não é classificada como antropológica, pois não reconhece as linhas do imaginário dos povos, é referencial porque depende da informação na atualização do factual e valoriza o significante.

Mesmo entendido de forma diferenciada nas instâncias sociais, o tempo, o ritmo e o acontecimento estão dentro de um contexto maior que é o cotidiano. Nele tudo acontece e nada foge a sua ótica. Ele é o *lugar* a quem o próprio real se remete para apontar o processo de sua produção e legitimação. Engloba, sem os reduzir, valores plurais e às vezes antagônicos da vida corrente.

Referências bibliográficas

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Ed., 1998.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed, 1995.

PAIS, José. Machado. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2001.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRIGUEIRO, Osvaldo. Os Caminhos da Folkcomunicação na Atualidade: perspectivas para o século XXI. In Anais do Intercom - **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2011.